

Os livros desafogados
Mostram ordem nas fileiras,
Convidando ao pensamento
Do cimo das prateleiras.

Os móveis descansam calmos,
De novo brilha o verniz.
Toda a casa fica leve,
Mais confortada e feliz.

A limpeza afetuada
E' novo impulso á energia,
Multiplicando as estradas
De esforço e sabedoria.

A faxina, qual se chama,
Na linguagem da caserna,
Tem seu simbolo profundo
Nos campos de vida eterna.

Muita gente sofre e chora,
Na dor e na inquietação,
Por nunca fazer faxina
Nas salas do coração.

O LIXO

Cada dia, a residencia
Que a higine ensine e ajude,
Lança fora todo lixo
Na defesa da saude.

Grandes cestos, grandes latas,
Guardando detrito escuro,
Enchem grandes carroçadas
Que seguem para o monturo.

Contemplando o movimento,
Lembremos que a sujidade,
Muita vez foi qualquer cousa
Em plano de utilidade.

Roupa usada, vestes rôtas,
Velhas peças carunchosas,
Em outros tempos já foram
Queridas e preciosas.

Ornatos apodrecidos,
Tristes lampadas sem lume,
Conheceram muitas vezes
Festa e luz, vida e perfume.

Resumem, contudo, agora,
O lixo que não convem,
Escuro e pernicioso,
Contrário á saúde e ao bem.

Para ele, em todo o mundo,
A casa nobre e educada,
Reserva cada manhã,
A benção da vassourada.

Se não tem função de estêrco,
Junto á terra menos rica,
Vai ao fogo generoso,
Que renova e purifica.

Na esfera de ensinamento
Da verdade sempre igual,
O lixo personifica
A estranha expressão do mal.

Escuta! se o bem de ontem
Hoje é mal e sofrimento,
Não deixes de procurar
Os cestos do esquecimento.

A BÚSSOLA

Na viagem rude e longa
Em região solitária,
A todos os viajores
A bússola é necessaria.

Quando a jornada é difficil,
Aquele que a tem, de perto
Vai seguindo confortado
Na benção do rumo certo.

Soprem ventos formidandos
E a sombra prometa a morte,
A bússola honesta e firme
Não perde a visão do norte.

Muita vez, em mar revôlto,
Nas zonas desconhecidas,
Atende, silenciosa,
Dando fé, salvando vidas.

Tudo angústia da borrasca
E trevas de nevoeiro,
Mas a bússola responde
Aos olhos do timoneiro.